

Práticas Sexuais, Conhecimento e Comportamento dos Universitários em Relação às Infecções Sexualmente Transmissíveis

Sexual Practices, Knowledge and Behavior of College Students Regarding Sexually Transmitted Diseases

Prácticas Sexuales, Conocimiento y Comportamiento de los Universitarios en Relación a las Infecciones Sexualmente Transmisibles

Thelma Spindola^{1}; Claudia Silvia Rocha Oliveira²; Rosana Santos Costa Santana³; Carolina Passos Sodré⁴; Nathália Lourdes Nepomuceno de Oliveira André⁵; Erica de Jesus Brochado⁶*

Como citar este artigo:

Spindola T, Oliveira CSR, Santana RSC, *et al.* Práticas Sexuais, Conhecimento e Comportamento dos Universitários em Relação às Infecções Sexualmente Transmissíveis. Rev Fund Care Online.2019. out./dez.; 11(5):1135-1141. DOI: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2019.v11i5.1135-1141>

ABSTRACT

Objective: The study's purpose has been to identify and assess the practices, knowledge, and behavior of college students vis-à-vis Sexually Transmitted Diseases. **Methods:** It is a descriptive study with a quantitative approach, which was performed at a Public University in the *Rio de Janeiro* city with 255 students who answered a questionnaire. Data were analyzed using descriptive statistics. **Results:** Among the young investigated, 181 (71%) were women and 74 (29%) were men; 93.7% were within the age group from 18 to 24 years old; 194 (76%) were sexually active; 110 (43.1%) adopt the condom in all sexual intercourse. Young people consider that they have all the knowledge about Sexually Transmitted Diseases (87/34.1%); Believe that gonorrhea infection can occur when using public restrooms (80/31.7%), and that there is a cure for hepatitis (102/40%). **Conclusion:** The findings show that college students assume risky behavior and demonstrate lack of knowledge concerning both prevention and transmission of Sexually Transmitted Diseases.

Descriptors: Sexually Transmitted Diseases, Risk-taking, Young Adult, Nursing.

¹ Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora Permanente do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Enfermagem da UERJ. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

² Enfermeira. Mestranda do programa de Pós-graduação em Enfermagem da UERJ. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

³ Enfermeira. Mestre pelo Programa de Pós-graduação da Faculdade de Enfermagem da UERJ. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

⁴ Graduanda em Enfermagem. Faculdade de Enfermagem da UERJ. Bolsista de Iniciação Científica da FAPERJ. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

⁵ Nathália Lourdes Nepomuceno de Oliveira André - Graduanda em Enfermagem. Faculdade de Enfermagem da UERJ. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

⁶ Erica de Jesus Brochado. Enfermeira. Mestre pelo Programa de Pós-graduação da Faculdade de Enfermagem UERJ. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

RESUMO

Objetivo: Identificar e avaliar as práticas, o conhecimento e comportamento dos estudantes universitários em relação às Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Método:** Estudo descritivo, quantitativo, realizado em universidade pública, no Rio de Janeiro com 255 estudantes que responderam a um questionário. Os dados foram analisados com aplicação da estatística descritiva. **Resultados:** Entre os jovens investigados 181 (71%) eram mulheres e 74 (29%) homens; (93,7%) tinham idades entre 18-24 anos; 194 (76%) eram sexualmente ativos; 110 (43,1%) adotam o preservativo em todos os intercursos sexuais. Os jovens consideram possuir todo conhecimento sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis (87/34,1%); acreditam que a infecção por gonorreia pode ocorrer ao utilizar banheiros públicos (80/31,7%), e que existe cura para hepatite (102/40%). **Conclusão:** Os achados evidenciam que os estudantes assumem comportamento de risco e demonstram fragilidades no conhecimento sobre a prevenção e transmissão das Infecções Sexualmente Transmissíveis.

Descritores: Doenças Sexualmente Transmissíveis, Assunção de Risco, Adulto Jovem, Enfermagem.

RESUMEN

Objetivo: Identificar y evaluar las prácticas, el conocimiento y el comportamiento de los estudiantes universitarios en relación a las Infecciones Sexualmente Transmisibles. **Método:** Estudio descriptivo, cuantitativo, realizado en una universidad pública, en Río de Janeiro con 255 estudiantes que respondieron a un cuestionario. Los datos fueron analizados con aplicación de la estadística descriptiva. **Resultados:** Entre los jóvenes investigados 181 (71%) eran mujeres y 74 (29%) hombres; (93,7%) tenían edades entre 18-24 años; 194 (76%) eran sexualmente activos; 110 (43,1%) adopta el preservativo en todos los intercursos sexuales. Los jóvenes consideran poseer todo conocimiento sobre las Infecciones Sexualmente Transmisibles (87 / 34,1%); Creen que la infección por gonorreia puede ocurrir al utilizar baños públicos (80 / 31,7%), y que existe cura para hepatitis (102/40%). **Conclusión:** Los hallazgos evidencian que los estudiantes asumen comportamiento de riesgo y demuestran fragilidades en el conocimiento sobre la prevención y transmisión de las Infecciones Sexualmente Transmisibles.

Descritores: Enfermedades de Transmisión Sexual, Asunción de Riesgos, Adulto Joven, Enfermería.

INTRODUÇÃO

A juventude é um momento de transição que proporciona mudanças biológicas e cognitivas principalmente na fase da adolescência, onde os hormônios impulsionam o desenvolvimento sexual e as interações sociais marcadas, muitas vezes, pelas transgressões e rebeldia.¹ Segundo o Estatuto da Juventude do Brasil, jovem é toda pessoa com idade entre 15 e 29 anos.² O comportamento dos jovens é marcado por mudanças decorrentes do processo de amadurecimento. Com o término do período da adolescência e a busca de novos valores, como o ingresso no ensino superior, os jovens enfrentam novos desafios e se deparam com situações que vão moldando a sua personalidade. As sensações e emoções vivenciadas nesse momento vão reforçar o conceito de invulnerabilidade da juventude, e pode ser representado pela liberdade sexual que, expõe os jovens a comportamentos de risco

para a saúde.³⁻⁴ A população jovem, no entender do Ministério da Saúde, apresenta maior vulnerabilidade às infecções sexualmente transmissíveis (IST).⁵⁻⁶

De acordo com o Ministério da Saúde (2016), a cada ano estima-se a ocorrência de 937.000 novos casos de sífilis; 1.541.800 de gonorreia; 1.967.200 de clamídia; 640.900 de herpes genital e 685.400 de Papiloma vírus humano (HPV). Nesse cenário, destaca-se o vírus da imunodeficiência humana (HIV) e a síndrome da imunodeficiência adquirida (Aids) com 842.710 casos registrados desde o início da epidemia, em 1980, até junho de 2016, a taxa de incidência foi 20,7 casos por 100 mil habitantes se mantendo estável nos últimos dez anos, tendo a população jovem a maior tendência de aumento.⁵⁻⁶

Em se tratando da epidemiologia das IST são decorrentes de fatores comportamentais, sociais, políticos, tecnológicos e programáticos, que favorecem situações de vulnerabilidades aos indivíduos ou grupos populacionais que partilham de características comuns. Os jovens, em geral, possuem conhecimento sobre a importância do uso do preservativo para a prevenção de IST.⁷⁻⁸ No entanto, investigações têm demonstrado que a despeito dos avanços na área do conhecimento existem falhas no processo de prevenção, sendo um problema para a saúde pública brasileira modificar as atitudes e práticas preventivas do grupo jovem.⁹

Nesse cenário, salienta-se que dentre os fatores relacionados à elevada exposição dos jovens às IST, podem-se elencar: o início precoce das práticas sexuais e a não adoção de preservativos em todos os intercursos; a insuficiência de conhecimentos que fragilizam as tomadas de decisão em relação à saúde sexual; o comportamento de risco com aumento das parcerias sexuais, e a utilização de álcool e outras drogas.¹⁰⁻¹⁴

A necessidade de prevenção das IST entre os jovens, como os universitários, é foco de investigações^{3-4,7-9} que buscam melhor compreender o fenômeno que ocorre nos campos do conhecimento/comportamento.⁹ O jovem brasileiro, na concepção de autores⁹ apresenta um nível de conhecimento satisfatório em relação aos modos de transmissão do HIV e, utilizam de modo geral o preservativo com maior frequência nas suas relações sexuais com seus parceiros, quer fixos ou casuais, em comparação a outras faixas etárias. Entretanto, ainda existe alta prevalência de práticas de risco para a transmissão de patógenos relacionados às Infecções Sexualmente Transmissíveis como a descontinuidade no uso do preservativo.⁹

Diante dessa problemática, emergiram os seguintes questionamentos: Como são as práticas sexuais dos estudantes universitários? Eles conhecem as IST e suas formas de transmissão? Existe preocupação dos jovens com a prevenção de IST?

Identificar as práticas sexuais, o conhecimento e o comportamento dos estudantes universitários em relação

às Infecções Sexualmente Transmissíveis.

Avaliar as práticas sexuais, o conhecimento e o comportamento dos estudantes universitários em relação às Infecções Sexualmente Transmissíveis.

MÉTODOS

Esta investigação é um recorte da pesquisa “Avaliando o conhecimento, as práticas e crenças dos estudantes universitários em relação às doenças sexualmente transmissíveis” realizada na cidade do Rio de Janeiro.

Trata-se de um estudo descritivo quantitativo realizado na Faculdade de Enfermagem e no Instituto de Educação Física e Desportos de uma universidade pública no período de 2013-2014.

A amostra foi composta por 255 estudantes sendo 135 do curso de graduação em Enfermagem e 120 da graduação em Educação Física. Os critérios de inclusão foram estar devidamente matriculado e cursando qualquer período acadêmico. Considerando que a juventude é uma fase que apresenta limites cronológicos distintos de acordo com os diferentes órgãos oficiais, adotou-se nessa investigação a definição do Estatuto da Juventude de 2013. Assim foram incluídos no conjunto amostral estudantes universitários com idades entre 18 e 29 anos, sendo excluídos aqueles com idade inferior a 18 anos.

A população estudada concentrava 800 estudantes sendo 300 do curso de Enfermagem e 500 de Educação Física. Para a realização do cálculo amostral estabeleceu-se o nível de confiança de 95% e erro amostral de 5%, chegando-se a um conjunto de 260 participantes.

Como instrumento de coleta de dados empregou-se um questionário com 50 perguntas fechadas organizado com variáveis distribuídas em quatro eixos: sociodemográfico, perfil sexual, conhecimento sobre as infecções sexualmente transmissíveis e cuidado com a saúde. Neste estudo, foram utilizadas 22 questões sendo 5 relacionadas ao perfil sociodemográfico dos estudantes, 12 das práticas sexuais e 5 do conhecimento acerca das infecções sexualmente transmissíveis

A coleta de dados foi precedida de um teste piloto com 10 estudantes escolhidos ao acaso que concordaram em participar dessa etapa, sendo possível realizar ajustes no instrumento, dimensionar o tempo de aplicação e treinar a equipe envolvida. No processo de organização do material houve a exclusão de 05 questionários pelo não preenchimento de 01 ou mais páginas do instrumento. O conjunto amostral totalizou 255 participantes.

Os dados coletados foram tabulados e armazenados no *software Microsoft Excel 2013* para *Windows*, que possibilita, também, a organização dos achados para análise com auxílio da estatística descritiva.

O estudo respeitou as exigências formais contidas nas normas nacionais e internacionais regulamentadoras

de pesquisa envolvendo seres humanos. O projeto foi submetido a um Comitê de Ética em Pesquisa, e aprovado com o número 058.3.2012. Os participantes foram orientados quanto aos objetivos da pesquisa e da sua livre participação e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização sociodemográfica

Participaram do estudo 255 estudantes, sendo 181 (71%) mulheres e 74 (29%) homens; 239 (93,7%) tinham idades entre 18 e 24 anos. No grupo investigado, 119 (46,66%) se declararam brancos, 102 (40%) eram solteiros e 195 (76,47%) moram com os pais. Entre os estudantes, 244 (95,6%) não possuíam filhos, 185 (72,55%) se consideram religiosos, sendo 89 (34,90%) católicos. Entre os participantes 95 (37,2%) exercem atividade remunerada, e desses 80 (31,37) são da área de educação física e 15 (5,88) da enfermagem.

Comportamento sexual

O comportamento sexual dos estudantes é apresentado na tabela 1, evidenciando que 194 (76,08%) dos participantes são sexualmente ativos, e desses 126 (64,95%) são mulheres e 68 (35,05%) homens. No conjunto amostral 122 (62,89%) iniciaram suas atividades sexuais com idades entre 15 e 18 anos. A média de idade do início da vida sexual foi de 17 anos.

Tabela 1: Comportamento sexual dos estudantes universitários (n=194). Rio de Janeiro, 2015. Fonte: As autoras, 2017.

Comportamento sexual	f	%
Idade da primeira relação sexual		
Inferior a 15 anos	24	12,37
Entre 15 e 18 anos	122	62,89
Acima de 18 anos	47	24,23
Não informou	1	0,52
Relações sexuais com parceiros fixos nos últimos doze meses		
Sim	159	81,96
Não	35	18,04
Relações sexuais com parceiros casuais nos últimos doze meses		
Sim	72	37,11
Não	120	61,86
Não informou	2	1,03
Tiveram mais que um parceiro sexual ao longo da vida		
Sim	131	67,53
Não	62	31,96
Não informou	1	0,51
Tiveram relações sexuais com parceiros do mesmo sexo que o seu		
Sim	22	11,34
Não	172	88,66

Fonte: As autoras, 2017.

Entre os 194 jovens sexualmente ativos, 131(67,53%)

informaram ter tido mais de um parceiro sexual ao longo de sua vida.

O uso de preservativos entre os universitários

Os estudantes em sua maioria fizeram uso do preservativo, como mostra a tabela 2. Entretanto, 83 (42,78%) dos jovens não o fizeram em todos os intercursos sexuais. Os estudantes que declararam ter parceiros casuais adotam o preservativo com maior frequência (46/63,89%).

Tabela 2: Uso de preservativos entre estudantes universitários. Rio de Janeiro, 2015.

Uso do Preservativo	f	%
Uso do preservativo na primeira relação sexual (n=194)		
Sim	138	71,13
Não	56	28,87
Uso do preservativo em todas as relações sexuais (n=194)		
Sim	110	56,70
Não	83	42,78
Não informou	1	0,52
Uso do preservativo com parceiros fixos (n=159)		
Sim	70	44,03
Não	87	54,72
Não informou	2	1,26
Uso do preservativo com parceiros casuais (n=72)		
Sim	46	63,89
Não	24	33,33
Não informou	2	2,78

Fonte: As autoras, 2017.

Existe baixa adesão do grupo ao preservativo feminino, considerando que entre as mulheres sexualmente ativas (126), apenas 7 (5,55%) informaram o uso do preservativo feminino. Entre homens, somente 2 (2,95%) referiram atividades sexuais com emprego do preservativo feminino pelas parceiras.

Conhecimentos sobre as infecções sexualmente transmissíveis

Entre os 255 universitários, 104(47,78%) jovens acreditam deter todo o conhecimento necessário acerca das infecções sexualmente transmissíveis, enquanto 141(55,30%) não acreditam nessa assertiva e 10(3,92) participantes não responderam. Para a maioria dos participantes 250 (98,03%), uma pessoa pode contrair uma IST quando pratica sexo sem o uso do preservativo. No grupo investigado 157 (61,57%) jovens informam não possuir todo o conhecimento necessário sobre as formas de transmissão das IST, enquanto 95 (37,25%) acreditam que conhecem o suficiente acerca da transmissão dessas infecções e 3(1,18) não souberam informar.

Quanto à exposição aos agentes infecciosos, 247 (98,86%) acreditam que podem ser contaminados por HIV/Aids ou hepatite C ao compartilhar seringas e/ou agulhas contaminadas; 201 (78,80%) que podem adquirir uma IST utilizando banheiros públicos. Entre as infecções que podem ser adquiridas no uso de banheiros foram elencadas

gonorreia, sífilis e o HIV/Aids tendo 80 (31,3%), 47 (18,14%) e 14 (5,4%) registros, respectivamente. Os jovens (102/40,00%) acreditam que existe cura para a hepatite C. Entre os participantes, 244(95,67%) concordaram que uma pessoa pode ser portadora do HIV mesmo possuindo uma aparência saudável, enquanto que 4(1,57%) discordam dessa afirmação e 6(2,35) não souberam informar.

A amostra investigada é constituída, majoritariamente, por jovens, solteiros, do sexo feminino, que moram com os pais e desempenham atividade remunerada. Estas características são semelhantes à de outros jovens universitários institucionalizados que vivem em outras regiões do Brasil.¹⁵ Os dados referentes ao sexo feminino estão em conformidade com o Censo da Educação Superior de ensino, que apresenta a população universitária representada na maior parte por mulheres, com média de idade de 21 anos.¹⁶ Esses achados, também, são ratificados na pesquisa sobre o perfil socioeconômico de alunos das universidades federais brasileiras da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior.¹⁵

A vida universitária possibilita ao jovem vivenciar novas experiências e ampliar o seu círculo de amizades, e estas, muitas vezes, influenciam seu modo de ser e a expressão da sexualidade.² Os jovens investigados são sexualmente ativos e iniciaram as práticas sexuais na adolescência, o que corrobora com resultados de outros estudos sobre a temática, que indicam o início das atividades sexuais na adolescência com idades entre 13 e 17 anos.¹⁷⁻¹⁸

Sabe-se, entretanto, que o início das atividades sexuais na adolescência associado à possibilidade de um maior número de parceiros ao longo da vida, contribui para o aumento do risco de contrair uma IST.¹⁹ É oportuno acrescentar, todavia, que existem distinções na percepção da atividade sexual e vida amorosa entre os jovens da geração atual com as demais. Assim, pode-se observar nos dias de hoje a multiplicidade de parceiros sexuais, a diversidade e formas de relacionamentos, que favorecem a maior vulnerabilidade desse grupo às infecções.²⁰ Segundo o Ministério da Saúde a elevada prevalência da infecção pelo HPV, que atinge principalmente os adolescentes e jovens, pode estar associada com a prática do sexo desprotegido, e o número de parcerias sexuais. As maiores taxas de infecção gonocócica e por clamídia foram observadas, também, nas pessoas mais jovens.⁵

É fato que os jovens, independentemente do gênero, são um segmento vulnerável em todas as sociedades do mundo globalizado.²⁰ Nas práticas sexuais dos estudantes universitários nota-se a mudança no padrão de comportamento feminino. As jovens são independentes e capazes de decidir livremente sobre o exercício de sua sexualidade, e da utilização dos métodos contraceptivos. Na atualidade, entretanto, a assunção de comportamentos de risco, como o aumento do número de parceiros sexuais

e a não adesão ao uso dos preservativos, contribui para que as mulheres se tornem vulneráveis às IST/Aids.²¹

Os universitários investigados informaram manter relacionamentos fixos e poucos confirmaram a presença de relacionamentos casuais. Estudo²⁰ sinaliza, contudo, que os jovens solteiros são mais propensos a ter mais relacionamentos casuais com múltiplos parceiros. Em relação aos relacionamentos homoafetivos poucos estudantes informaram esse tipo de relação, o que pode sugerir a existência de preconceito ao se tratar da identidade de gênero.

Nessa investigação, pode-se observar que os universitários sexualmente ativos faziam uso do preservativo. No entanto, nota-se que existe maior prevalência no uso de preservativos na primeira relação sexual e com parceiros casuais. Em tempos de IST, o uso do preservativo deveria ser a regra para todos os tipos de relacionamentos, e em especial para a relação sexual não planejada, indicando que ter o preservativo para o uso pessoal deveria ser incorporado ao dia a dia dos jovens⁹, prevenindo uma relação sexual casual.

Os jovens costumam apresentar carência de autoconfiança para negociar o uso do preservativo nas suas relações afetivas casuais.^{9,10} Diante de situações conflituosas em que surge a oportunidade de ter uma relação sexual, mas não dispõem do preservativo, ou o medo e a vergonha de interromper o ato sexual, provavelmente uma classificação entre parcerias “fixas” e “não fixas” pode indicar qual deve ser a prática sobre o uso do preservativo a ser seguida.⁹

Apesar de haver aumento no uso de preservativos nas relações sexuais, ele não é adotado em todos os intercursos sexuais, principalmente quando o parceiro é fixo, o que pode estar relacionado com as diferenças de gênero, a idade, o tipo de envolvimento afetivo, questões relacionadas ao prazer e a onipotência, relativizando a prevenção.¹³

Entre os preservativos disponíveis, o masculino é o mais conhecido e o mais utilizado entre os jovens^{13,9} principalmente entre os solteiros.¹⁰ Embora o grupo investigado tenha maior prevalência de mulheres, o preservativo feminino é pouco utilizado nas relações sexuais. A dificuldade na utilização, o manuseio e o elevado custo em relação ao preservativo masculino acarretam a não adesão do preservativo feminino pelas jovens nos intercursos sexuais.²²

Para evitar uma gravidez não planejada é comum, nos relacionamentos fixos, que substituam o uso do preservativo pela pílula anticoncepcional, em função da confiança que se estabelece nesse tipo de envolvimento afetivo, evidenciando que a possibilidade de adquirir uma doença não é considerada. A negação do risco assumido com esse comportamento pode ser associada à ilusão da invulnerabilidade.^{3,21}

A pesquisa, também, ratifica achados de outros estudos em relação ao uso do preservativo, o consumo de bebidas alcoólicas e uso de drogas ilícitas antes das relações sexuais.¹⁰

Investigação sobre o relato de DST em usuários de *crack* da região Centro-Oeste do Brasil apresentou os primeiros dados entre o consumo de álcool e *crack* que favorecem a adoção de práticas sexuais de risco como múltiplos parceiros sexuais, uso inconsistente de preservativo e relação sexual com portadores de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e prostituição, que expõe os usuários de *crack* às infecções sexualmente transmissíveis.²⁴

Estudo¹⁴ sugere que os estudantes universitários brasileiros se envolvem com frequência com o consumo de drogas, provavelmente pelo fácil acesso. Muitos jovens ao consumir essas substâncias não atentam para o uso do preservativo e assumem um comportamento de risco diante das IST.^{4,12}

O conhecimento dos estudantes em relação as formas de transmissão das IST como a gonorreia, sífilis e clamídia – cujos agentes etiológicos são bactérias; e hepatite C, o HPV e o HIV/Aids – que são provocadas por vírus foram avaliados, considerando que essas infecções são as mais prevalentes na população jovem.

Os universitários demonstraram conhecer o HIV/aids e a forma de prevenção, todavia nota-se que embora forneçam informações a respeito da forma de exposição ao HIV parecem não incorporar essas práticas em seu cotidiano e nas suas relações sexuais, semelhante a outros estudos.²⁰ Nesse sentido acredita-se que o risco de se infectar com uma IST não se configura como motivo suficiente para que adotem medidas preventivas adequadas. Ainda existe certa imaturidade quanto ao pensamento abstrato, o que pode fazer com que o adolescente não considere sua vulnerabilidade, expondo-se a riscos sem avaliar ou prever as consequências.^{8,9}

A distinção entre o conhecimento e a prática adotada sobre determinado assunto pode ser observada nesse estudo quanto ao uso do preservativo. Os universitários ao avaliarem a afirmação: “o uso de álcool ou drogas pode fazer com que pessoas transsem sem camisinha”, 123 (48,23%) concordaram, e apenas 16 (6,27%) não concordaram com a assertiva. Pode-se observar que embora tenham informação que álcool e drogas podem interferir no poder decisório de uma pessoa, e favorecer um comportamento inadequado à saúde, os jovens costumam ignorar essa situação e se arriscam a contrair uma IST ou uma gravidez indesejada.^{8,10,23}

Ao se analisar o conhecimento dos jovens em relação às IST observou-se que o HIV/aids se destaca no nível de informação do grupo em comparação às outras IST/DST. Nesse sentido, estudos^{3,20} verificaram que as medidas de prevenção à aids adotadas pelos jovens se mostraram ineficazes para se evitar a infecção pelo HIV, e alguns comportamentos denotam inconsistência entre discurso e prática de prevenção, possibilitando o envolvimento em práticas sexuais desprotegidas.

O processo de transformação do conhecimento sobre o HIV/aids na adoção de práticas protetoras, está associado

a compreensão e capacidade de absorver as informações, assimilando-as e sendo influenciadas por questões sociais, de gênero e raça.^{5,23}

Os achados evidenciaram a falta de conhecimento dos jovens sobre as formas de exposição às IST, que acreditam se expor às infecções sexuais com o uso de banheiros públicos e que a hepatite C é uma infecção curável. No que tange aos estudantes inseridos no contexto universitário, essa pesquisa corrobora com outros achados sinalizando que os jovens universitários carecem de conhecimento sobre as IST, não adotam condutas sexuais seguras e possuem baixa percepção de risco em suas práticas sexuais.^{4,9}

CONCLUSÕES

Na realização desse estudo foi possível avaliar as práticas sexuais, o conhecimento e o comportamento dos estudantes universitários em relação às IST. Os universitários apresentam práticas que acarretam risco para a saúde sexual e reprodutiva, considerando que não adotam o preservativo de modo contínuo em todos os intercursos sexuais, e desconhecem as formas de exposição aos agentes causadores das IST, o que os torna vulneráveis.

Embora, informem utilizar o preservativo nos intercursos sexuais, especialmente com parceiros casuais, a prática não é constante. Quando consomem bebidas alcoólicas e drogas, ou quando o relacionamento é com parceiro fixo, não utilizam preservativo e, portanto, não valorizam as práticas de prevenção de IST.

Pode-se observar nos achados o déficit de conhecimento dos jovens em relação às IST e os seus modos de transmissão, o que interfere diretamente na prevenção desses agravos. Assim é recomendável que sejam realizadas práticas educativas nas instituições de ensino, em especial nas universidades, para contribuir com o esclarecimento desse grupo e minimizar os riscos à saúde dos jovens e exposição às infecções transmitidas pelo sexo.

Esse estudo teve como limitação o quantitativo de jovens investigados, sendo oportuno aumentar o tamanho da amostra e as áreas de cobertura.

REFERÊNCIAS

1. Dias PMM, Oliveira JM, Lustosa AP, Lima HkLS, Moreira KAP, Pereira TM. Repercussões da gravidez na adolescência na vida da mulher adulta. *Rev Rene*. 2017 jan-fev;18(1):106-13.
2. Brasil. Decreto-lei n.12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. *Diário Oficial União, Brasília (DF)*;6 ago 2013.
3. Firmeza SNRM, Fernandes KJSS, Santos EN, Araújo WJG de, Oliveira ES de, Silva ARV. Comportamento sexual entre

- acadêmicos de uma universidade pública. *Rev Rene*. 2016 jul-ago;17(4):506-11.
4. Borges MR, Silveira RE, Santos AS, Gazi U. Comportamento sexual de ingressantes universitários. *Rev pesqui cuid fundam*. Rio de Janeiro. 2015 abr-jun;7(2):2505-15.
5. Ministério da Saúde [Br]. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas Infecções Sexualmente Transmissíveis. Brasília; 2015.
6. Ministério da Saúde [BR]. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Boletim Epidemiológico HIV/Aids. Brasília; 2016.
7. Carvalho PMRS, Guimarães RA, Moraes PA, Matos MA. Prevalência de sinais e sintomas e conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis. *Acta paul enferm*. 2015 fev;28(1):95-100.
8. Dessunti EM, Reis AOA. Vulnerabilidade às DST/aids entre estudantes da saúde: estudo comparativo entre primeira e última série. *Ciênc Cuid Saude*. 2012;11(suplem): 274-83.
9. Fontanella BJB, Gomes R. Prevenção da AIDS no período de iniciação sexual: aspectos da dimensão simbólica das condutas de homens jovens. *Ciênc saúde coletiva*. 2012 dez; 17(12): 3311-22.
10. Dantas KTB, Spindola T, Teixeira SVB, Lemos ACM, Ferreira LEM. Young academics and the knowledge about sexual transmitted diseases – contribution to care in nursing. *J. res.: fundam. Care. online*. 2015 jul-set; 7(3):3020 – 36.
11. Macintyre AKJ, Vega ARM, Sagbakken M. From disease to desire, pleasure to the pill: A qualitative study of adolescent learning about sexual health and sexuality in Chile. *BMC Public Health*. 2015 sept; 15:945.
12. Eckschmidt F, Andrade AGA, Oliveira LG. Comparação do uso de drogas entre universitários brasileiros, norte americanos e jovens da população geral brasileira. *J Bras Psiquiatr*. 2013 jul-set; 62 (3): 199-07.
13. Cruzeiro ALS, Souza LDM, Silva RAS, Pinheiro RT, Rocha CLA, Horta BL. Comportamento sexual de risco: fatores associados ao número de parceiros sexuais e ao uso de preservativos em adolescentes. *Ciênc saúde coletiva*. 2010 jun;15(Supl1): 1149-58.
14. Mola R, Pitangui ACR, Barbosa SAM, Almeida LS, Sousa MRM, Pio WPL et al. Condom and alcohol consumption in adolescents and youth. *Einstein*. 2016 abr-jun; 14 (2):143-51.
15. Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais Brasileiras [Internet]. 2011 [citado 2016 mai. 27]. Disponível em: http://www.andifes.org.br/wpcontent/files_flutter/1377182836Relatorio_do_perfi_dos_estudantes_nas_universidades_federais.pdf
16. Ministério da Educação [Br]. Secretaria Executiva. Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira Inep. Censo da educação superior 2013. Resumo Técnico. Brasília; 2015.
17. Ministério da Saúde [Br]. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Pesquisa Nacional de Saúde Escolar 2012. Rio de Janeiro; 2013.
18. Spindola, T; Pimentel, M. R. R. A.; Barros, A. S. de; Franco, V. Q.; Ferreira, L. E. da M. Produção de conhecimento acerca das doenças sexualmente transmissíveis na população jovem: pesquisa bibliométrica. *J.res. fundam. Care (online)*. 2015 jul-set; 7(3): 3037-49.
19. Boislard PMA, Pouli F. Individual, familial, friends-related and contextual predictors of early sexual intercourse. *Journal of Adolescence*. 2011 apr;34: 289-300.
20. Silva RAR, Nelson ARC, Duarte FHS, Prado NCC, Holanda JRR, Costa DARS. Conhecimento de estudantes adolescentes sobre transmissão, prevenção e comportamentos de risco em relação as DST/HIV/AIDS. *J.res. fundam. Care (online)*. 2016 out-dez;8(4):5054-61.
21. Costa JES, Silva CD, Gomes VLO, Fonseca AD, Ferreira DA. Preservativo feminino: dificuldades de adaptação e estratégias para facilitar o uso rotineiro. *Rev enferm UERJ*. 2014 mar-abr; 22(2):163-8.
22. Baldin-Dal Pogetto, M. R.; Silva, M. G.; Parada, C. M. G. L. Prevalência de doenças sexualmente transmissíveis em mulheres profissionais do sexo, em um município do interior paulista, Brasil. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. 2011 maio-jun;19(3):[7 telas]. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19n3/pt_07.pdf
23. Anjos RHD, Silva JAS, Val LF, Rincon LA, Nichiata, LYI. Diferenças entre adolescentes do sexo feminino e masculino na vulnerabilidade individual ao HIV. *Rev esc enferm USP*. 2012 ago; 46(4):829-37.

24. Guimarães RA, Silva LN, França DDS, Del-Rios NHA, Carneiro MAS, Teles SA. Comportamentos de risco para doenças sexualmente transmissíveis em usuários de crack. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. 2015 jul-ago; 23(4): 628-34.
25. Luna IT, Silva KL, Dias FLA, Freitas MMC, Vieira NFC, Pinheiro PNC. Ações educativas desenvolvidas por enfermeiros brasileiros com adolescentes vulneráveis às DST/Aids. *Cienc. enferm*. 2012 abr;18(1):43-55.

Recebido em: 23/09/2017
Revisões requeridas: Não houve
Aprovado em: 17/01/2018
Publicado em: 05/10/2019

***Autor Correspondente:**
Thelma Spindola
Boulevard 28 de setembro, 157
Vila Isabel, Rio de Janeiro,RJ, Brasil
E-mail: tspindola.uerj@gmail.com
Telefone: +55 21 99942-4850
CEP: 20551-030